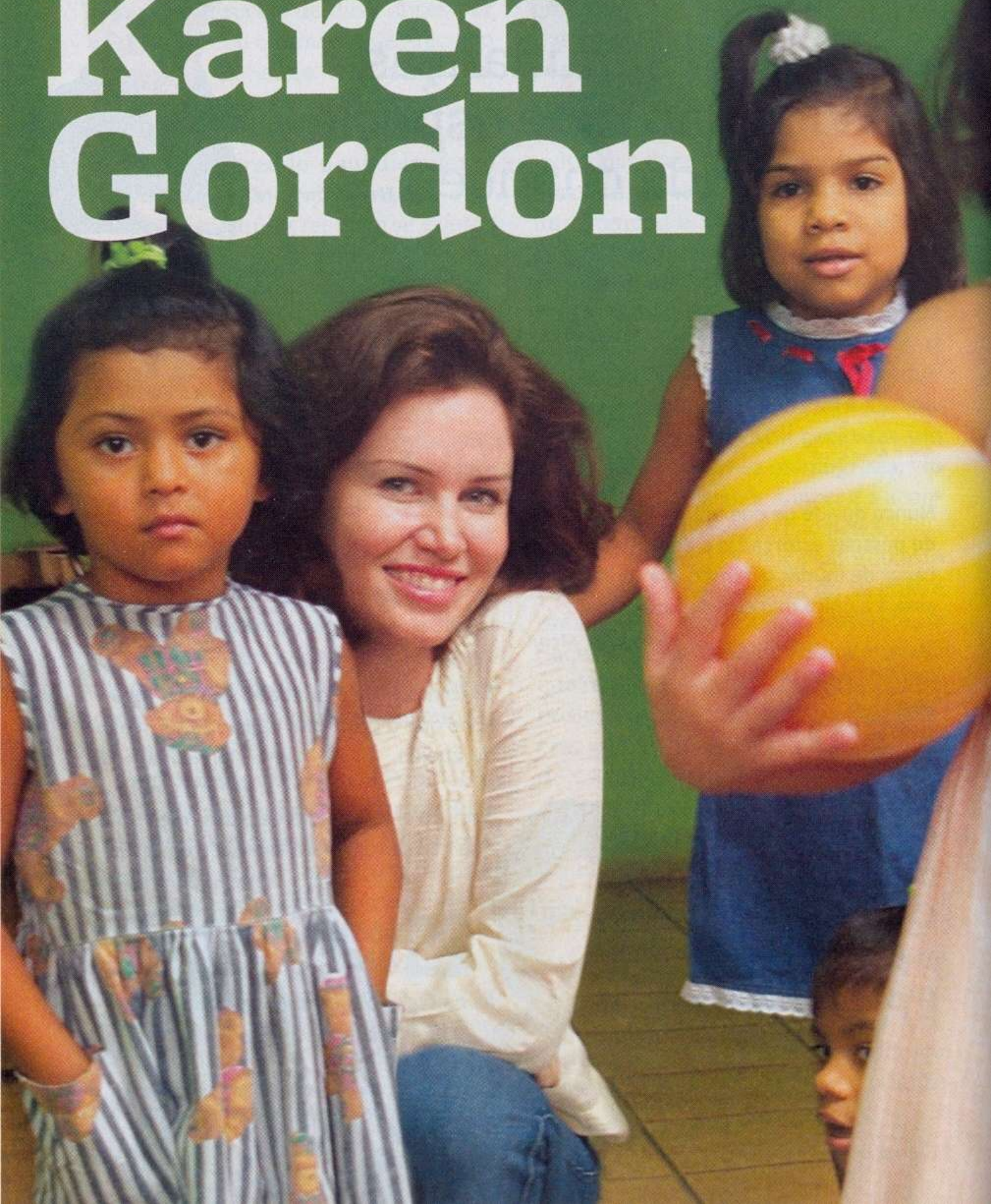



# A batalha de **Karen Gordon**





## Especialistas em desenvolvimento infantil querem acabar com os orfanatos. **Mas esta mulher** quer consertá-los.

POR KERRY A. DOLAN  
DA REVISTA FORBES

**Karen Gordon, para quem vê de fora,** está com tudo em cima. Alta, magra, ex-modelo, dois filhos saudáveis e uma gorda pensão do divórcio do ex-marido, rico produtor de cinema e televisão.

Mas, em vez de ficar na boa vida, Karen, 35 anos, decidiu resolver um problema delicado. Ela quer melhorar a situação das crianças que moram em orfanatos nos países em desenvolvimento. Em 2003, fundou a Whole Child International, entidade sem fins lucrativos, na qual já investiu mais de 1,3 milhão de dólares: 250 mil dólares como doação, o restante como empréstimo. “Não terminei a faculdade, nunca fui a orfanatos no Terceiro Mundo e não falava espanhol. Todo mundo achou que eu estava doida”, diz Karen.

A cruzada pessoal de Karen quase a transformou em pária. Desde a década de 1960, os especialistas em desenvolvimento infantil querem acabar com os orfanatos e recomendam a adoção ou pequenos lares coletivos. Hoje, a própria palavra “orfanato” não é bem-vista. A expressão preferida (e mais exata) é “lar infantil”, já que muitas dessas crianças têm pais vivos que não podem ou não querem cuidar delas. “Adoraria que todas as crianças morassem em lares felizes e aconchegantes”, diz Karen. “Mas, enquanto isso não acontece, alguém precisa cuidar desse problema.”

**Karen Gordon trabalha em prol dos orfanatos no mundo inteiro.**

A dura realidade, explica ela, é que a maioria das crianças em orfanatos passará a infância toda lá. Karen Gordon nasceu Karen Villeneuve, a mais velha de três filhos. O emprego do pai, administrador de Parques Nacionais, obrigou a família a mudar-se com frequência. Nas contas de Karen, foram 23 casas e dez escolas em 20 anos. Isso tornou difícil desenvolver um sentimento de apego e estabilidade, diz ela, e é por essa razão que deseja ajudar as crianças abandonadas.

**No início da década de 1990,** Karen largou a faculdade em Toronto para trabalhar como modelo fotográfico de catálogos de roupas. Adorava o pagamento, mas detestava o processo. Em 1994, quando trabalhava na recepção do Hotel Four Seasons, em Toronto, conheceu Mark Gordon, produtor de Hollywood. Casaram-se três anos depois. Mark acertou na mosca com *O resgate do soldado Ryan*, em 1998, *O patriota*, em 2000, e, mais recentemente, com o seriado da rede de TV americana ABC, *Grey's Anatomy*.

Karen teve a primeira de suas duas filhas em 1998 e se matriculou num curso de maternidade em Los Angeles, perto de onde a família morava; isso a levou ao mundo dos orfanatos. As aulas baseavam-se nas práticas de educação infantil do Instituto Pikler, um orfanato de Budapeste. Karen ficou fascinada. "Soube na mesma hora que era aquilo que eu queria fazer", diz.

Vamos para 2003. Karen se separa do marido; ele leva as meninas para passar férias e Karen usa o tempo livre

para visitar o Instituto Pikler. O que vê ali muda sua vida.

A Dra. Emmi Pikler, pediatra húngara, fundou o orfanato em 1946, na crença de que as crianças órfãs só conseguiriam se desenvolver bem se criadas com carinho constante. Em vez de fazer rodízio de pessoal, como muitos orfanatos, o instituto encarrega cada funcionário de cuidar de um pequeno grupo de crianças durante toda a permanência delas ali. Cada funcionário cuida de seis a oito crianças, em vez de até 30 delas em outros lugares. Os bebês podem engatinhar pelo chão, e não precisam ficar o dia todo confinados em berços. A hora do banho é ampliada para confortáveis 22 minutos por criança. O funcionário conversa com as crianças o tempo todo, fortalecendo o vínculo.

A Dra. Emmi acredita que as crianças precisam desse tipo de relação para aprender a se desenvolver como adultos saudáveis. Os cuidados e o ambiente do Instituto Pikler pretendem se aproximar dos encontrados em um lar, até onde for possível para uma instituição. Pode-se criar o ambiente certo sem prédios caros nem diplomas de mestrado.

Karen Gordon voltou para casa, em Santa Mônica, na Califórnia, com a intenção de divulgar o que vira. Foi então que criou a Whole Child International, com a promessa de melhorar um orfanato de cada vez. Ela voltou seus olhos para a América Central, região com muitas crianças pequenas e poucos recursos financeiros.

Karen formou sua equipe com es-



“Não terminei a faculdade, nunca fui a orfanatos no Terceiro Mundo e não falava espanhol. **Todo mundo achou que eu estava doida.**”

pecialistas infantis. O Instituto Pikler tinha desenvolvido manuais de treinamento, e ela teve permissão de usá-los. Para ajudar a treinar os funcionários dos orfanatos, Karen recorreu ao Centro de Estudos da Criança e da Família de Sausalito, na Califórnia, administrado pela WestEd, entidade sem fins lucrativos de pesquisa, desenvolvi-

mento e serviços, e a um de seus diretores, Peter Mangione. Para dirigir o programa, contratou Diane Harkins, diretora do Centro de Excelência em Desenvolvimento Infantil da Universidade da Califórnia.

Karen contratou também Christina Groark e Robert McCall, diretores do Escritório de Desenvolvimento In-

# Órfãos no Brasil e no mundo

**Uma em cada 13** crianças não tem pais nos países em desenvolvimento.

**Dezenas de milhões** de crianças moram nas ruas no mundo inteiro.

**80 mil** crianças vivem em abrigos no Brasil.

**8 mil** crianças cumprem os requisitos para adoção, entre as citadas acima.

**4.106** famílias estão registradas no Cadastro Nacional de Adoção, para 469 crianças que podem ser adotadas.

**459** crianças brasileiras foram adotadas por estrangeiros em 2005 – cerca de um terço para a Itália.

**29** é o número de ONGS credenciadas no Brasil para intermediar as adoções feitas por casais estrangeiros.

Mesmo com todas as dificuldades impostas pelo processo de adoção no Brasil, que implica a perda total de guarda pelos pais biológicos, ainda há a “preferência” por bebês de pele branca e do sexo feminino. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o perfil das crianças que esperam por adoção no país é de mais de 60% com origem afro-brasileira, entre 7 e 15 anos de idade, sendo a maior parte composta por meninos.

FONTES: UNICEF BRASIL, IPEA, SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS E IBDFAM

fantil da Universidade de Pittsburgh, para avaliar as condições de vida nos orfanatos antes e depois do treinamento oferecido pela Whole Child. Em 2000, Christina e Robert tinham ajudado a treinar funcionários de um lar infantil de São Petersburgo, na Rússia, para implantar várias das mesmas mudanças defendidas pela organização de Karen.

Os pesquisadores acompanharam os resultados durante vários anos e descobriram que as crianças daquele orfanato se saíram muito melhor no desenvolvimento físico e mental e nos relacionamentos sociais do que as crianças de outro lar na cidade, onde não houve mudanças. “Elas agem como crianças comuns. Há muito riso, e os funcionários também se divertem”, diz Robert.

Enquanto isso, Karen Gordon começou a visitar 62 orfanatos, em 13 países. Ela entendeu com mais clareza o que tantas pesquisas tinham mostrado. As crianças que crescem em orfanatos, privadas da atenção constante e amorosa dos adultos, tendem a abandonar os próprios filhos, a levar a vida no crime e a tornar-se fardos para a sociedade, incapazes de manter empregos regulares ou de constituir uma família.

Em julho de 2006, a Whole Child International assinou um acordo com o governo da Nicarágua para trabalhar com os funcionários do lar infantil El Divino Niño, em Manágua.

Separado da estrada movimentada por uma cerca de arame farpado, o El Divino Niño é uma colcha de retalhos de casinhas em tom pastel, limpas, mas um tanto malconservadas, que abri-

gam 79 crianças órfãs, abandonadas ou agredidas, de recém-nascidos a 6 anos.

Durante a visita de Karen, as crianças estavam tão ávidas de atenção que um grupo delas, de uns 5 anos, começou a gritar: “Visita! Visita!” Num bangalô próximo, para meninas de 4 a 6 anos, as crianças pularam nos braços dos visitantes, totalmente desconhecidos para elas. Dali a cinco minutos, quando Karen e seu grupo tentaram ir embora, as crianças agarraram-se mais, e tiveram de ser separadas à força.

Na enfermaria, onde uma funcionária cuidava de oito bebês, um menino de 10 meses estava em pé no berço, a fralda de pano caída nos joelhos. Dois bebês choravam enquanto a funcionária, em silêncio, trocava a fralda de outro. Do outro lado de um “quintal” de concreto rachado e esburacado, num bangalô cheio de crianças de 2 anos, alguns pequeninos eram chamados com tão pouca frequência que nem sabiam o próprio nome. Um menino estava sentado sozinho no chão de linóleo sem fazer nada. À sua direita, atrás de um portão de madeira, dezenas de bichos de pelúcia e carrinhos de brinquedo estavam bem arrumados em prateleiras nas paredes, guardados como recompensa especial em vez de serem usados todos os dias como objetos para brincar e aprender.

Em outubro de 2006, Karen pagou a

viagem a Budapeste de três integrantes da equipe do El Divino Niño – a diretora, a assistente-social e a pedagoga –, para que conhecessem o Instituto Pikler. As três voltaram cheias de entusiasmo, com intenção de implantar as mudanças. “Percebi que o trabalho que fazemos aqui é mecanizado”, disse Guillermina Obando Sánchez, a pedagoga. “Estamos limitando as crianças.”

**Em novembro do mesmo ano,** a equipe de Karen iniciou um programa de um ano no El Divino Niño com sessões mensais de uma semana de treinamento para os funcionários. A reação foi tão positiva que até a equipe da cozinha pediu para participar.

A rotatividade dos funcionários em lares infantis é alta. Na Nicarágua, eles ganham apenas 80 dólares por mês, que mal bastam para sobreviver. A Whole Child está suplementando esse salário e pretende levantar recursos em Manágua para continuar a fazê-lo. “Como conseguir que o grupo mais mal pago e menos instruído da sociedade faça o serviço mais difícil do mundo?”, pergunta Karen.

Karen começou a expandir o trabalho da Whole Child para outros orfanatos da Nicarágua e de El Salvador e tem planos para Uganda. “O mais importante na vida de uma criança é uma pessoa”, diz ela. “E isso nós podemos dar a elas.”

---

## BEM PENSADO

**Não há** ateus em uma pane de avião! Enviado por *Wilson Silva*, São Paulo (SP)